



## **A pragmaticalização de *capaz* em português brasileiro e a codificação da atitude do falante**

### ***The pragmaticalization of capaz in Brazilian Portuguese and the codification of the speaker's attitude***

Patrícia Rodrigues

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil  
rodriguespatriciaa@gmail.com

Marcus Vinicius Lunguinho

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal / Brasil  
marcuslunguinho@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é examinar as propriedades das construções do português brasileiro com a expressão *capaz*, como *Capaz que a Maria viajou*. Essas construções podem ter significados diferentes, dependendo do padrão de entoação a elas associado. Com uma entoação plana, *capaz* é interpretado como um modal epistêmico, enquanto com a acentuação em *capaz*, tal como falado na região sul do Brasil, essa expressão passa a ser interpretada como um marcador pragmático, expressando surpresa ou o ponto de vista contrário do falante. A hipótese defendida no trabalho é a de que essas leituras estão associadas a duas estruturas sintáticas distintas: as sentenças com *capaz* epistêmico são bioracionais, ao passo que as sentenças em que *capaz* funciona como marcador pragmático são mono-oracionais. Com base nas propostas de Speas e Tenny (2003) e de Hill (2007, 2014) acerca da existência de uma projeção associada ao ato de fala (denominada *Speech Act Phrase – SAP*) e visível para a computação sintática, propomos que *capaz* como um marcador pragmático é uma expressão que sofreu um processo de mudança linguística denominado pragmaticalização (DOSTIE, 2004) e, em consequência dessa mudança, é inserido diretamente no núcleo de SAP, projeção que faz a interface da sintaxe com a pragmática conversacional.

**Palavras-chave:** modalidade epistêmica; marcador pragmático; interface sintaxe-pragmática.

**Abstract:** The main aim of this paper is to examine the properties of Brazilian Portuguese constructions involving the expression *capaz* ‘capable’ (*Capaz que a Maria viajou*, literally ‘capable that Maria travelled’) which can have different meanings depending on the intonation pattern associated to it. With a flat intonation, *capaz* can be an epistemic modal; with an intonation stressing *capaz*, as spoken in Southern Brazil, it can be a pragmatic marker, expressing the speaker negative point of view or the speaker’s surprise. The hypothesis defended here is that these readings are related to two different structures. Constructions with epistemic *capaz* are treated as biclausal structures, whereas constructions with *capaz* functioning as a pragmatic marker are analyzed as monoclausal structures. Based on Speas and Tenny (2003) and Hill (2007, 2014), who assume the existence of a Speech Act Phrase (SAP), a projection associated with the speech act and visible for the syntactic computation, we propose that when it acts as a pragmatic marker, *capaz* is an expression that undergoes a process of linguistic change called pragmaticalization (DOSTIE, 2004) and, as a consequence, is externally merged into the head of SAP, a projection at the interface of syntax with conversational pragmatics.

**Keywords:** epistemic modality; pragmatic marker; syntax-pragmatics interface.

Recebido em 09 de setembro de 2018

Aceito em 28 de dezembro de 2018

## 1. Introdução

O principal objetivo deste artigo é examinar as propriedades de construções do português brasileiro como (1), que envolvem a expressão *capaz* e que podem ter significados diferentes, dependendo do padrão de entoação a elas associados:

(1) *Capaz que a Maria viajou de ônibus!*

Com uma entonação plana, (1) é interpretada como ‘é possível/provável que a Maria tenha viajado de ônibus’. Denominaremos *capaz* com esse sentido de *capaz* epistêmico. Com outra entoação, em que o acento recai sobre *capaz*, tal como falado na região sul do Brasil, (1) manifesta o ponto de vista contrário do falante ou sua dúvida/surpresa

com relação à proposição [Maria viajou de ônibus].<sup>1</sup> Ou seja, ao enunciar (1) com esse padrão de entoação, o falante expressa que ele não acredita ou que ele duvida que a Maria tenha viajado de ônibus, ou ainda que ele está muito surpreso de ouvir sobre a viagem da Maria. Denominaremos *capaz* com esse sentido de *capaz* mirativo, tomando como base a definição de miratividade como uma categoria descritiva que denota informação nova ou inesperada para o falante (cf. DELANCEY, 2001; AIKHENVALD, 2012; entre outros).

O exame de construções como (1) mostra que, para cada leitura, *capaz* apresenta propriedades morfossintáticas distintas. A nossa hipótese é que *capaz* mirativo é uma expressão que sofreu um processo de pragmaticalização (cf. DOSTIE, 2004), tornando-se um marcador pragmático. A fonte desse processo é, presumivelmente, o adjetivo *capaz*, que primeiramente perde seu significado etimológico de ‘ser habilidoso/ser apto’, desenvolvendo a leitura epistêmica mais gramatical de ‘ser possível/ser provável’ (*capaz* epistêmico). Em seguida, *capaz* adquire uma função discursiva, tornando-se um marcador pragmático codificando a atitude do falante (*capaz* mirativo). Para dar conta das estruturas com *capaz* mirativo, adotamos as propostas de Speas e Tenny (2003) e de Hill (2007, 2014), de acordo com as quais fenômenos discursivo-pragmáticos fazem parte da estrutura sintática e são codificados no domínio de uma projeção sintática: a categoria *Speech Act* (SA). O significado de *capaz* mirativo seria então derivado de uma estrutura mono-oracional, como se vê em (2a), na qual *capaz* é inserido diretamente (*externally merged*) no núcleo do sintagma *Speech Act*. Além disso, essa expressão pragmaticalizada c-seleciona um ForceP nucleado por *que* como complemento. Com relação às construções com *capaz* epistêmico, argumentamos que elas formam uma estrutura bi-oracional, como se vê em (2b), na qual *capaz* é inserido diretamente (*externally merged*) em um núcleo funcional modal Mod que seleciona um CP como complemento. A expressão *capaz* pode então ser associada a duas categorias distintas, o que mostra diferentes estágios de gramaticalização dessa expressão:

---

<sup>1</sup> As diferentes curvas prosódicas associadas aos enunciados com *capaz* são facilmente percebidas pelos falantes (cf. BASSI; GORSKI, 2014). Embora a prosódia constitua um fator relevante na compreensão do ato ilocucional, uma investigação sobre a conexão entre os atos de fala e a entoação das sentenças foge ao escopo deste artigo.

- (2) a. [ <sub>SAP</sub> *capaz* [ <sub>FORCEP</sub> *que* [ <sub>TP</sub>  
 b. [ <sub>MODP</sub> *capaz* [ <sub>CP</sub> *que* [ <sub>TP</sub>

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma. A seção 2 introduz as propostas de Speas e Tenny (2003) e de Hill (2007, 2014) acerca da codificação sintática de fenômenos da esfera pragmática. As seções 3 e 4 descrevem as propriedades (morfossintáticas e semântico-discursivas) das construções com *capaz* epistêmico e com *capaz* mirativo, respectivamente, e apresentam nossa proposta de análise para cada um desses usos de *capaz*. Finalmente, a seção 5 traz as considerações finais do artigo.

## 2. A interface entre a sintaxe e a pragmática conversacional

No âmbito da Teoria Gerativa, Ross (1970) foi o primeiro trabalho que apresentou um tratamento formal para a interface entre a sintaxe e a pragmática conversacional. Partindo de sentenças declarativas como (3a), o autor propõe que elas tenham uma Estrutura Profunda como (3b):

- (3) a. Prices slumped.  
 b. I V<sub>[+V, +PERFORMATIVE, +COMMUNICATION, +LINGUISTIC, +DECLARATIVE]</sub> you  
 [prices slumped]

Na Estrutura Profunda da qual deriva a sentença declarativa (3a), há quatro constituintes: um constituinte que traz a informação relativa ao falante (representado pelo pronome de 1ª pessoa *I*), um verbo performativo abstrato/implícito, um constituinte que traz a informação relativa ao ouvinte (representado pelo pronome de 2ª pessoa *you*) e a oração *prices slumped*, que aparece encaixada ao verbo performativo implícito e que veicula o conteúdo que o falante quer transmitir ao ouvinte. A essa Estrutura Profunda aplica-se uma transformação que vai apagar os constituintes referentes ao falante, ao verbo performativo e ao ouvinte e, como resultado, vai permitir que a oração encaixada se realize como uma oração independente.<sup>2</sup>

A proposta de Ross (1970) ficou conhecida como *Hipótese Performativa* e, segundo ela, todas as sentenças são associadas a um ato ilocucionário que é codificado em uma Estrutura Profunda na qual há

<sup>2</sup> Ross (1970, p. 249) denomina essa transformação de Apagamento do Performativo.

um verbo performativo e a informação sobre os participantes do ato de fala (ou seja, o falante e o ouvinte).<sup>3</sup> Embora o trabalho de Ross (1970) dê uma importante contribuição para mostrar de que forma os atos de fala se constroem na sintaxe, esse trabalho recebeu várias críticas e, por isso, foi abandonado.

Recentemente, a Hipótese Performativa foi retomada na esteira do projeto cartográfico,<sup>4</sup> especialmente com a proposta de Rizzi (1997) de desmembrar o Sintagma Complementador (CP) em um conjunto de categorias como Força, Tópico, Foco e Finitude – categorias essas que fazem parte do que ele denominou periferia esquerda da sentença. Ao postular que categorias como Tópico e Foco são ativas na sintaxe, abriu-se (mais uma vez) a possibilidade de integrar categorias discursivo-pragmáticas à sintaxe. A consequência disso foi um crescente interesse por fenômenos relacionados ao discurso e à pragmática conversacional, tais como: advérbios e partículas discursivamente orientados e marcadores pragmáticos (HILL, 2007, 2014; HAEGEMANN; HILL, 2013; CRUSCHINA, 2015; HOLMBERG, 2015; WILTSCHKO; HEIM, 2016; WILTSCHKO, 2018; ZU, 2018), complementadores ilocucionários (CORR, 2016), concordância alocutiva (MIYAGAWA, 2012, 2017; ZU, 2015), logoforicidade e indexicalidade de pronomes (SPEAS, 2004; BAKER, 2008; GIORGI, 2010; SIGURÐSSON, 2014), vocativos (HILL 2014) e muitos outros. Apesar de se tratar de um conjunto heterogêneo de fenômenos, as análises propostas para eles compartilham a mesma hipótese de trabalho: as informações sobre os participantes do ato de fala são representadas na sintaxe. Essa hipótese pode ser pensada como um projeto tentativo de *sintaticização do discurso* (o termo é de HAEGEMAN; HILL, 2013) que não só recupera muito da Hipótese Performativa de Ross (1970) como também a atualiza.

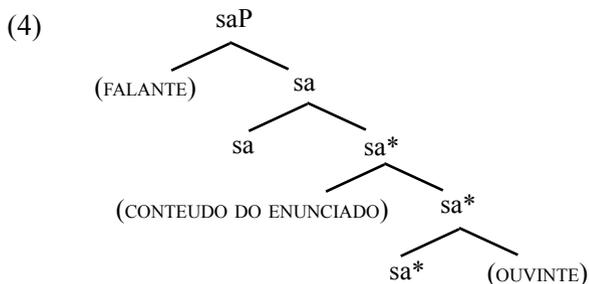
Uma versão moderna da Hipótese Performativa é encontrada em Speas e Tenny (2003). De acordo com as autoras, a pragmática conversacional é codificada na sintaxe por meio da categoria *Speech Act*

---

<sup>3</sup> Embora Ross (1970) ilustre sua Hipótese Performativa unicamente com dados de sentenças declarativas, essa hipótese se aplica a todos os tipos de sentenças.

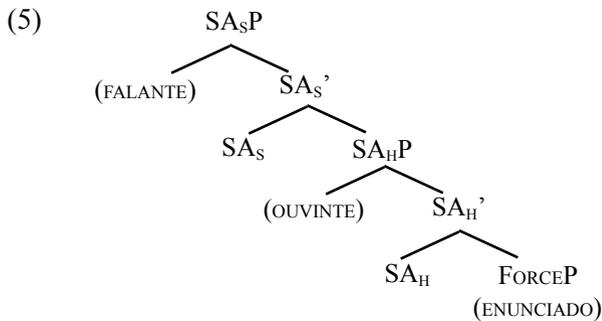
<sup>4</sup> Remetemos o leitor interessado no projeto cartográfico aos trabalhos: Rizzi (1997, 2013), Cinque (1999), Cinque e Rizzi (2010), Rizzi e Cinque (2016), Rizzi e Bocci (2017).

(sa), que projeta, na sintaxe, uma estrutura predicativa performativa que tem a seguinte configuração:<sup>5</sup>



Na representação acima, o núcleo *Speech Act* projeta uma estrutura com um argumento externo, um especificador e um complemento para a saturação dos papéis pragmáticos de falante, conteúdo do enunciado e de ouvinte, respectivamente.<sup>6</sup>

Tomando como ponto de partida a proposta de Speas e Tenny (2003) representada acima, Hill (2007, 2014), com base no estudo de partículas do romeno, propõe outra configuração para o mapeamento sintático da pragmática conversacional:<sup>7</sup>



<sup>5</sup> A configuração em (4) foi extraída de Speas e Tenny (2003, p. 320).

<sup>6</sup> A motivação para a categoria *Speech Act* vem do trabalho de Cinque (1999), em que o autor propõe o núcleo funcional *Speech Act Mood* como parte da sua hierarquia funcional.

<sup>7</sup> A configuração em (5) foi extraída de Hill (2014, p. 147).

Segundo a autora, o sintagma de Força (ForceP) é selecionado como complemento do núcleo SA<sub>H</sub> e recebe o papel pragmático de enunciado. Pela configuração em que aparece, o núcleo SA<sub>H</sub> assemelha-se a um verbo, pois seleciona um complemento direto e projeta uma posição de especificador. Tal posição é preenchida por um constituinte ao qual é atribuído o papel pragmático de ouvinte. Finalmente, o núcleo SA<sub>S</sub> toma o SA<sub>H</sub>P como complemento e, da mesma forma que o núcleo SA<sub>HP</sub>, também projeta uma posição de especificador. Essa posição é ocupada por um constituinte ao qual é atribuído o papel pragmático de falante. Como se vê, na proposta de Hill (2007, 2014), o sintagma *Speech Act* se compõe de duas camadas, sendo a camada mais alta relacionada ao falante (SA<sub>S</sub>) e a camada mais baixa relacionada ao ouvinte (SA<sub>H</sub>).

Hill (2014) argumenta que esse tipo de formalização abre caminho para novas abordagens no campo da interface entre a sintaxe e a pragmática, porque, ao mesmo tempo que mantém a autonomia da pragmática como um componente da gramática, busca determinar em que medida a computação sintática acessa traços relativos à conversação.

### 3. *Capaz* epistêmico: propriedades e análise

#### 3.1 Propriedades das sentenças com *capaz* epistêmico

As sentenças com *capaz* epistêmico como (6a) têm sentido equivalente ao das sentenças com a construção impessoal *é capaz que*, em (6b). Em (6a), da mesma forma que em (6b), o falante se refere à proposição subjacente [A Maria viajou de ônibus] como provável. Essas sentenças estão, pois, relacionadas à modalidade epistêmica, revelando o grau de certeza do falante com relação ao conteúdo da proposição e poderiam, assim, ser parafraseadas por (6c):

- (6) a. *Capaz* que a Maria tenha viajado de ônibus.
- b. É *capaz* que a Maria tenha viajado de ônibus.
- c. É provável/possível que Maria tenha viajado de ônibus.

A expressão *capaz* com sentido epistêmico também pode aparecer combinada com um complemento infinitivo introduzido pela preposição *de*, como em (7a). Importante mencionar que, com esse sentido de *capaz*, (7a) tem sentido correspondente ao da construção impessoal com a cópula (7b):

- (7) a. Capaz da Maria ter viajado de ônibus.  
 b. É capaz da Maria ter viajado de ônibus.

Em construções como (6a-b) e (7a-b), *capaz* não funciona mais como o adjetivo *capaz* das construções predicativas que indicam habilidade/aptidão/capacidade, ilustradas em (8a-b), em que *capaz* se flexiona em número para concordar com o sujeito da predicação. A expressão *capaz* em (6a-b) e em (7a-b) tem forma morfológica fixa, como atestado pela inaceitabilidade de (8c-d):

- (8) a. Os alunos são capazes de fazer suas próprias escolhas.  
 b. O João é capaz de fazer suas próprias escolhas.  
 c. \*São capazes / capazes que eles tenham viajado.  
 d. \*São capazes / capazes deles terem viajado.

Além disso, o adjetivo *capaz* indicando habilidade/capacidade seleciona dois argumentos – um DP e uma oração infinitiva introduzida pela preposição *de*, conforme se vê nos exemplos (8a-b) – ao passo que *capaz* epistêmico seleciona apenas um argumento, de natureza oracional – uma oração infinitiva introduzida por *de*, como em (9a), ou uma oração finita, como em (9b):

- (9) a. É capaz / Capaz da Maria viajar de ônibus.  
 b. É capaz / Capaz que a Maria viaje de ônibus.

*Capaz* epistêmico pode aparecer também, como em (10a), em uma estrutura com cópula, estrutura essa aparentemente similar à estrutura (8b) na qual *capaz* apresenta sentido de habilidade. No entanto, o contraste apresentado em (10b-c) revela que o DP em posição de sujeito não é argumento externo de *capaz* epistêmico, mas chegou a essa posição por meio de alçamento.<sup>8</sup> Além disso, (10d) deixa claro que o alçamento do sujeito também é possível a partir de complementos

<sup>8</sup> Não é objetivo deste trabalho discutir, em profundidade, o contraste entre essas construções, mas o leitor poderá encontrar em Castroviejo e Oltra-Massuet (2016a,b, 2018) uma proposta de análise para as diferenças entre *ser capaz* indicando habilidade e *ser capaz* epistêmico do espanhol.

finitos. Finalmente, (10d) mostra que *capaz* não pode ser interpretado como indicando habilidade:

- (10) a. A Ana é capaz de querer um pedaço de bolo.  
 b. \*Essa pedra é capaz de querer um pedaço de bolo.  
 c. Essa pedra é capaz de rolar montanha abaixo.  
 d. A Maria é capaz que viaje de ônibus.

Dessa breve discussão, destacam-se dois fatos importantes. O primeiro é que *capaz* epistêmico não tem o mesmo funcionamento que *capaz* indicando habilidade/capacidade. O segundo é que *capaz* epistêmico pode ser encontrado em contextos distintos: (i) com ou sem a presença da cópula, e (ii) com um complemento infinitivo ou com um complemento finito.

Em relação aos exemplos com e sem cópula, não é possível estabelecer contraste quanto à possibilidade de encaixamento. Como se vê em (11), tanto a versão com cópula como a versão sem cópula podem ser encaixadas:

- (11) a. O técnico disse que (é) capaz da minha placa de som não aceitar Windows.  
 b. O técnico disse que (é) capaz que minha placa de som não aceite Windows.

Também não é possível estabelecer contraste quanto à possibilidade de subjuntivo no caso da complementação finita. Conforme mostram os dados em (12), o subjuntivo é possível tanto na presença da cópula quanto na sua ausência:<sup>9</sup>

- (12) a. É capaz que o João volte pra casa ainda hoje.  
 b. Capaz que o João volte pra casa ainda hoje.

<sup>9</sup> O modo indicativo também é atestado no caso da complementação finita, como em (i):

(i) Capaz que o João vai viajar de ônibus.

No entanto, devido à variação que existe na língua quanto ao uso do subjuntivo, não é possível determinar, sem um estudo mais aprofundado, se a variação entre subjuntivo e indicativo nas construções com *capaz* reflete, de fato, uma variação nesse contexto específico ou uma variação entre dialetos distintos.

É possível, contudo, observar um contraste de comportamento entre as sentenças com *cópula* e as sentenças sem *cópula* quanto à possibilidade de modificação adverbial de *capaz*. Enquanto sentenças como (13), nas quais a *cópula* está presente, aceitam facilmente a modificação, sentenças como (14), nas quais a *cópula* está ausente, não a aceitam e são bastante marginais:

- (13) a. É muito / realmente / perfeitamente capaz do João ser aprovado no concurso.  
 b. É muito / realmente / perfeitamente capaz que o João seja aprovado no concurso.
- (14) a. <sup>??</sup>Muito / realmente / perfeitamente capaz do João ser aprovado no concurso.  
 b. <sup>??</sup>Muito / realmente / perfeitamente capaz que o João seja aprovado no concurso.

Essa diferença de aceitabilidade é menos evidente em casos em que *capaz* é modificado por *bem*, como em (15):

- (15) a. É bem capaz / Bem capaz do João ser aprovado no concurso.  
 b. É bem capaz / Bem capaz que o João seja aprovado no concurso.

Em suma, *capaz* epistêmico tem comportamento diferente de *capaz* indicador de habilidade, pode aparecer precedido ou não de uma *cópula* e pode ser seguido de um complemento infinitivo ou de um complemento finito. Na seção que segue, discutiremos a estrutura dessas construções.

### 3.2 A sintaxe de *capaz* epistêmico

Considerando a descrição do comportamento das construções com *capaz* apresentada na seção anterior, nossa proposta é a de que *capaz* epistêmico resulta de um processo de gramaticalização que afeta *capaz* com sentido de habilidade/capacidade. Essa proposta se alinha com os estudos sobre a mudança diacrônica dos modais (cf. TRAUGOTT, 1985; NARROG, 2012, entre outros). O fenômeno da gramaticalização é geralmente definido como um processo de mudança na qual um item em particular se torna mais gramatical com o passar do tempo; ou seja,

por meio da gramaticalização, não só um item lexical se torna gramatical, como também um item gramatical se torna mais gramatical (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003; ROBERTS; ROUSSOU, 2003; LEHMANN, 2015).

Roberts e Roussou (2003) abordam a gramaticalização a partir da ideia de que o movimento diacrônico de um dado morfema se dá sempre de uma posição mais baixa para uma posição mais alta na estrutura hierárquica das categorias funcionais. Assim, os percursos de gramaticalização são definidos pelas reanálises sucessivas para posições mais altas na hierarquia funcional. Para os autores, o mecanismo básico da gramaticalização é a perda de movimento.

No caso de *capaz* epistêmico, presumivelmente, *capaz* é resultado da gramaticalização de *capaz* predicativo com sentido de habilidade/capacidade, que seleciona um complemento infinitivo introduzido pela preposição *de* – ver o exemplo (8b). A partir desse significado, *capaz* desenvolve o sentido mais gramatical de possibilidade/probabilidade. Ambos os sentidos podem estar associados com a estrutura sintática aparente ‘X ser capaz de Y’, como mostra o exemplo em (16a). A extensão do sentido de *capaz* teria permitido um novo mapeamento sintático dos argumentos, resultando nas construções impessoais epistêmicas em (16b-c):<sup>10</sup>

- (16) a. O João é capaz de levantar a mesa. (sentido de habilidade ou possibilidade)  
 b. (É) capaz do João levantar a mesa. (sentido epistêmico)  
 c. (É) capaz que o João levante a mesa. (sentido epistêmico)

Com relação à estrutura sintática das sentenças com complemento infinitivo, assumimos que as sentenças sem a cópula são equivalentes às sentenças com a cópula; ou seja, assumimos que, nas sentenças sem a cópula, ela está elidida. Essa também é a nossa proposta para as sentenças com complemento finito: seguindo Bassi e Gorski (2014), propomos que as sentenças com *capaz que* seriam o equivalente das construções impessoais do tipo *é capaz que* com elisão da cópula.

<sup>10</sup> Grández Ávila (2010) descreve um percurso de gramaticalização semelhante para *capaz* no espanhol americano. A autora propõe também que *capaz que* é uma expressão mais gramaticalizada do que *es capaz que*.

É importante observar que nossa análise difere da análise que Cruschina (2015) apresenta para a expressão *capace che* do italiano – expressão essa similar à expressão *capaz que* do português. De acordo com a argumentação do autor, as sentenças com *capace che* não são equivalentes às construções impessoais com *è capace che* com elisão da cópula. Para justificar sua análise, o autor apresenta os dados em (17) e em (18):

- (17) a. *È capace / \*Capace che piova.*  
 ‘É capaz / Capaz que chova’  
 b. *Dicevano che è capace che piova.*  
 ‘Disseram que é capaz que chova’  
 c. *\*Dicevano che capace che piove.*  
 ‘Disseram que capaz que chove’

Em (17a), observa-se que *capace che*, ao contrário de *è capace che*, não aceita um verbo flexionado no subjuntivo; em (17b), vê-se que a expressão *è capace che* pode ser encaixada, diferentemente de *capace che*, em (17c), que não pode aparecer encaixada.

O exemplo em (18) mostra que *capace che* é incompatível com modificação:

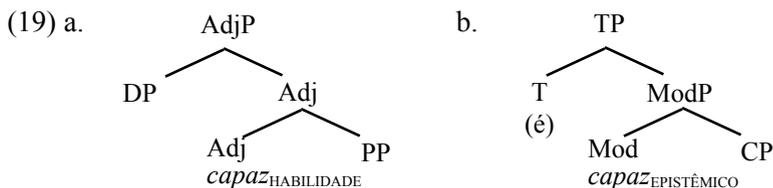
- (18) *\*Molto / abbastanza / próprio / veramente capace che era stanco.*  
 Literalmente: ‘Muito / quase / já / realmente capaz que estava cansado’

De acordo com Cruschina, o fato de *capace che* não poder ser seguido de um verbo no subjuntivo nem poder aparecer em uma oração encaixada sugere que essa expressão constituiria um fenômeno que ocorre unicamente em orações matrizes. Além disso, a impossibilidade de modificação indicaria a gramaticalização de *capace* como um núcleo funcional. Assim, para o autor, a estrutura impessoal *è capace che* seria bi-oracional, enquanto *capace che* seria mono-oracional, envolvendo um elemento mais gramaticalizado que ocupa um núcleo funcional orientado para o falante acima de CP. Cruschina (2015) adota a proposta de Hill (2007), acerca da representação sintática de papéis pragmáticos, e propõe

que *capace* é um elemento funcional que ocupa o núcleo de SAP e que seleciona um CP nucleado por *che*.

Os dados do português apresentados na seção anterior mostram que essa língua tem comportamento diferente do comportamento do italiano. O exemplo em (11b) mostra que *capaz que* epistêmico pode aparecer em uma oração encaixada, e o exemplo em (12b) atesta que *capaz que* epistêmico pode ser seguido de um verbo no subjuntivo. Essas propriedades, que não podem ser associadas a propriedades de orações matrizes, sugerem que *capaz que* não poderia ser analisado como um elemento funcional em uma estrutura mono-oracional. No entanto, o exemplo em (14b) indica que, sem a presença da cópula, *capaz* não pode ser facilmente modificado. Argumentamos que essa marginalidade em relação à modificação não é resultado de uma estrutura como a proposta por Cruschina para o italiano: (14a), por exemplo, em que o complemento de *capaz* é uma oração infinitiva, também apresenta restrições à modificação, e, nesse caso, claramente não é possível propor que uma oração infinitiva seja analisada como oração matriz. Esses dados sugerem que a impossibilidade de modificação estaria diretamente ligada à elisão da cópula.

Assim, assumimos neste trabalho que a expressão *capaz que* é equivalente à expressão *é capaz que* com a elisão da cópula e propomos para os dois tipos de construção a mesma análise estrutural – ambas formam estruturas bi-oracionais. Argumentamos que *capaz* predicativo com sentido de habilidade/capacidade (que aparece ilustrado em 19a) passa por um processo de gramaticalização que resulta no surgimento de *capaz* epistêmico. Como consequência dessa mudança, *capaz* epistêmico passa a ser inserido diretamente em um núcleo funcional Mod que seleciona um CP como complemento (como aparece ilustrado em 19b):



Essa análise é compatível com a generalização de Roberts e Roussou (2003) sobre a tendência de elementos que adentram o sistema funcional por meio de gramaticalização serem reanalisados em posições mais altas na estrutura. Não excluimos, no entanto, a necessidade de

estudos futuros mais aprofundados para entender melhor essa questão. As sentenças em (15), por exemplo, que mostram que o advérbio *bem* pode modificar *capaz* mesmo na ausência da cópula, parecem apontar para um processo de gramaticalização da expressão *bem capaz*.

#### 4. *Capaz* mirativo: propriedades e análise

##### 4.1 Propriedades das sentenças com *capaz* mirativo

A leitura mirativa de *capaz* apresenta algumas nuances. *Capaz* mirativo pode, por exemplo, veicular o sentido de ‘eu não acredito’ ou o de ‘é verdade?’, ‘é mesmo?’. Essas possibilidades interpretativas de *capaz* mirativo estão ilustradas em (20) e em (21):<sup>11</sup>

(20) Na: Sabia que a minha filha disse que essas cores que você escolheu para fazer os tapetes vão ficar bem bonitas juntas?

Ni: *Capaz* que ela disse isso! Que legal!

(21) C: Essa carne que você assou hoje ficou dura.

M: *Capaz!!* Eu fiz com tanto cuidado!

Como se vê, os falantes identificados como ‘Ni’ e como ‘M’, ao usarem *capaz* mirativo, demonstram não aceitarem imediatamente a informação apresentada pelo seu interlocutor e reagem, questionando seu conteúdo (cf. BASSI; GORSKI, 2014). Em (20), o falante identificado como ‘Ni’ se surpreende inicialmente com o que foi afirmado por ‘Na’, duvidando de sua declaração. O enunciado de ‘Ni’ poderia ser parafraseado por ‘É verdade? Eu não acredito que ela disse isso!’, com um tom de surpresa. Em (21), ao utilizar *capaz*, o falante ‘M’ também demonstra surpresa e incredulidade com relação à afirmação de ‘C’. A exclamação que segue a expressão *capaz* confirma que, para ‘M’, essa afirmação é totalmente inesperada. A resposta de ‘M’ poderia ser parafraseada por ‘É mesmo? Eu fiz com tanto cuidado!’.

*Capaz* mirativo também pode ser interpretado como o ponto de vista contrário do falante sobre o que foi afirmado. Nesses casos, muitas vezes, *capaz* pode ser equivalente a ‘não’, e a atitude do falante pode ser

<sup>11</sup> Esses exemplos foram extraídos de Bassi e Gorski (2014, p. 605). A referência aos interlocutores foi mantida como no original.

expressa com mais ou menos convicção e com alguma dose de ironia. Essa outra possibilidade interpretativa de *capaz* mirativo é apresentada nos exemplos (22) e (23):<sup>12</sup>

(22) L: Se chover assim não vai ter a Semana Farroupilha.

M: Capaz que não!

(23) F: A gente poderia, neste feriado, ir pescar lá no Guaíba. O que tu acha da minha ideia?

R: Ah tá, capaz que eu vou pescar contigo! Nem falar.

Em (22), *Capaz que não!* expressa a não concordância do falante ‘M’ em relação à afirmação de ‘L’. Ou seja, a expressão *capaz que* serve para ‘M’ manifestar seu ponto de vista contrário ao da previsão de ‘L’ de que a Semana Farroupilha não vai acontecer se a chuva continuar. Já em (23), ‘R’ expressa mais do que uma negação enfática ao convite de ‘F’. Além de recusar o convite, ‘R’ também expressa seu ponto de vista negativo sobre a ideia propriamente dita de pescar na companhia de ‘F’, dando a entender que tal ideia é absurda. Vale observar que em (21) também é possível interpretar *capaz* como veiculando um ponto de vista negativo, além da surpresa, pois a sequência do enunciado não esclarece se ‘M’ adere ou não à declaração de ‘C’.

Esses exemplos mostram que *capaz* não veicula simplesmente uma negação enfática por parte do falante. A função primeira de *capaz* parece ser a de expressar o ponto de vista do falante sobre a proposição expressa na oração introduzida por *que* – essa oração pode estar elidida na sentença, como no exemplo (22). Assim, a sentença pode expressar apenas surpresa, incredulidade, ou, juntamente com a surpresa, o posicionamento contrário em relação ao que foi afirmado pelo interlocutor. Dessa forma, *capaz* mirativo se enquadra na definição de miratividade tal qual proposta por DeLancey (2001), para quem esse termo se refere à marcação linguística de um enunciado como veiculando informação nova ou inesperada para o falante, com nuances de surpresa. Na seção 4.3, discutiremos os sentidos de *capaz* mirativo.

---

<sup>12</sup> Esses exemplos foram extraídos de Bassi e Gorski (2014, p. 610 e 608, respectivamente). Como nos exemplos anteriores, mantivemos a referência aos interlocutores como no original.

Com relação às suas características morfológicas, *capaz* mirativo, tal como *capaz* epistêmico, tem uma forma fixa:

(24) \*Capazes que eles viajaram de ônibus!

No entanto, diferentemente de *capaz* epistêmico, o verbo da oração finita introduzida por *que* só pode ser flexionado no modo indicativo:

- (25) a. Capaz que a Maria viajou de ônibus!  
 b. #Capaz que a Maria viaje de ônibus!

Além disso, *capaz* mirativo não pode se combinar com uma oração infinitiva introduzida pela preposição *de*:

(26) #Capaz da Maria viajar de ônibus!

Outra característica das construções com *capaz* mirativo é que elas não podem ser encaixadas:

(27) #O João disse / acha que capaz que a Maria viajou de ônibus!

Por fim, *capaz* mirativo pode co-ocorrer com o advérbio *bem* sem mudança de sentido, mas não pode co-ocorrer com outros advérbios de intensidade. Nas construções em que *capaz* aparece combinado com *bem*, há uma intensificação da surpresa e/ou oposição:

- (28) a. Bem capaz que a Maria viajou de ônibus!  
 (= Duvido que a Maria tenha viajado de ônibus)  
 b. \*Muito / realmente capaz que a Maria viajou de ônibus!

Em síntese, as propriedades examinadas nesta seção confirmam que a forma de *capaz* mirativo não pode ser equiparada à forma de *capaz* epistêmico. Na seção que segue, discutiremos a estrutura das construções com *capaz* mirativo.

#### 4.2 A sintaxe de *capaz* mirativo

O comportamento das estruturas com *capaz* mirativo descrito na seção precedente mostra claramente que, no seu sentido mirativo, *capaz*

é uma expressão diretamente ligada à atitude do falante, veiculando surpresa / dúvida / ponto de vista contrário com relação a uma afirmação do interlocutor. Em outras palavras, *capaz* mirativo não está relacionado com a modalidade epistêmica. Além disso, essa expressão, diferentemente de *capaz* epistêmico, se combina unicamente com uma oração finita no indicativo e não pode ser encaixada nem modificada. Essa expressão pode aparecer, no entanto, acompanhada do advérbio *bem*, que tem a função de intensificar a reação de surpresa ou de oposição do falante.

*Capaz* mirativo pode, assim, ser definido como um marcador pragmático que codifica o ponto de vista do falante. O termo ‘marcador pragmático’ tem sido utilizado para designar um conjunto bastante heterogêneo de formas que, de modo geral, como a forma *capaz*, não produzem um efeito no nível estritamente proposicional, mas assinalam as intenções potencialmente comunicativas do falante (FRASER, 1996). Nossa proposta é a de que essa forma é resultante de um processo de pragmaticalização sofrido por *capaz* epistêmico.

Acerca do conceito de pragmaticalização, Dostie (2004) mostra que há

[...] duas trajetórias que levam à gênese de unidades que não pertencem às principais classes de palavras (isto é, substantivos, verbos, adjetivos ou advérbios). Por um lado, uma unidade lexical pode desenvolver usos gramaticais. Nesse caso, ela estará submetida a um processo de “gramaticalização”. Por outro lado, uma unidade lexical/gramatical pode desenvolver empregos onde não desempenha um papel no nível referencial, mas no nível conversacional. Nesse caso, será o resultado de um processo de “pragmaticalização” (DOSTIE, 2004, p. 24 – tradução nossa).<sup>13</sup>

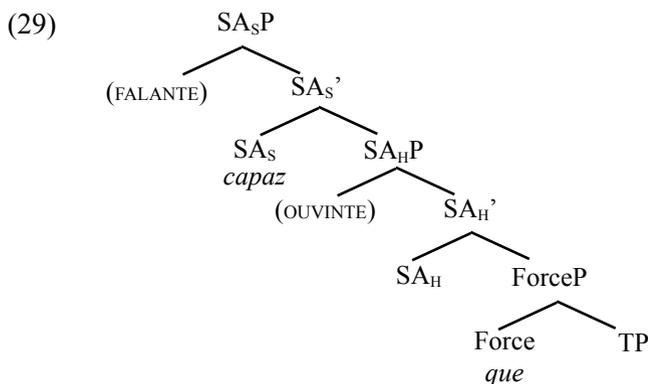
Como define Dostie, a gramaticalização e a pragmaticalização são processos de mudança linguística que diferem em relação ao resultado da mudança. Se um item lexical passou a desempenhar funções

---

<sup>13</sup> No original: “[...] deux trajectoires menant à la genèse d’unités qui n’appartiennent pas aux classes majeures de mots (c’est-à-dire aux noms, aux verbes, aux adjectifs ou aux adverbes). D’une part, une unité lexicale peut développer des emplois grammaticaux; elle aura alors été soumise à un processus de ‘grammaticalisation’. D’autre part, une unité lexicale/grammaticale peut développer des emplois où elle ne joue pas un rôle sur le plan référentiel, mais bien, sur le plan conversationnel; elle sera alors le résultat d’un processus de ‘pragmaticalisation’”.

gramaticais, desenvolvendo-se em uma categoria gramatical/funcional, esse item sofreu um processo de gramaticalização. Se um item (lexical ou gramatical) passou a desempenhar funções da esfera discursivo-pragmática, desenvolvendo-se em um elemento do discurso, esse item sofreu um processo de pragmaticalização.<sup>14</sup> É possível, igualmente, descrever o processo de mudança sofrido por *capaz* mirativo como um processo de subjetificação, conforme a tendência apontada por Traugott (1989) de que o significado tende a se tornar cada vez mais subjetivo, uma vez que que veicula a atitude do falante em relação a uma proposição.

A nossa hipótese é que (*bem*) *capaz* mirativo, marcador pragmático, é inserido diretamente (*externally merged*) em uma categoria que assumimos ser a categoria *Speech Act*, localizada acima da periferia esquerda da sentença, como discutido na seção 2. Como *capaz* mirativo possui uma função exclusivamente pragmática, indicando a atitude do falante, essa expressão seria inserida em  $SA_S$ , uma posição relacionada ao falante, como na estrutura em (29), onde o papel pragmático de falante (*speaker p-role*) pode ser checado no especificador de  $SA_S P$ :



Se assumirmos, como Hill (2014), que vocativos são inseridos no especificador de  $SA_{HP}$ , a ordem linear observada em (30) sugere que *capaz* efetivamente deve ser inserido em  $SA_S$ , pois *capaz* precede linearmente o vocativo *cara*:

<sup>14</sup> Não há consenso na literatura acerca de os processos de gramaticalização e pragmaticalização envolverem os mesmos os mecanismos (cf. ROBERTS, 2010).

(30) Capaz, cara, que a Maria viajou de ônibus!

A proposta de pragmaticalização de *capaz* mirativo a partir de *capaz* epistêmico, apresentada nesta seção, e a proposta de gramaticalização de *capaz* epistêmico a partir do adjetivo *capaz* indicando habilidade/capacidade, apresentada na seção 3, descrevem a trajetória de gramaticalização/pragmaticalização percorrida por *capaz*. Reafirmamos que essa análise é compatível com a generalização de Roberts e Roussou (2003) sobre a tendência de se reanalisar em posições mais altas na estrutura um elemento que adentra o sistema funcional. Na próxima seção, sugerimos uma possível trajetória semântico-pragmática para esse processo.

#### 4.3 As leituras de *capaz* mirativo

A gramaticalização das expressões modais com mudança de sentido do domínio habilitativo para o domínio epistêmico tem sido bastante estudada e documentada na literatura, como mencionado acima. Assim, a proposta de gramaticalização de *capaz* epistêmico a partir do adjetivo *capaz* indicando habilidade se baseia nesse percurso já atestado, além de se alinhar com propostas similares para *capaz* em espanhol (GRÁNDEZ ÁVILA, 2010; CASTROVIEJO; OLTRA-MASSUET, 2016a,b, 2018). Com relação à proposta de pragmaticalização de *capaz* mirativo, a trajetória semântico-pragmática que parte de *capaz* epistêmico e resulta em *capaz* mirativo não é tão óbvia assim. A nossa hipótese de trabalho, que precisa ser desenvolvida em trabalhos futuros, é a seguinte:

(31) Pragmaticalização de *capaz* mirativo

- (i) *capaz* epistêmico está associado ao significado de possibilidade/probabilidade e esse significado gera uma dúvida;
- (ii) pelo fato de poder expressar dúvida, *capaz* passa para o domínio da expressividade/atitude, podendo exprimir surpresa/incrédulidade;
- (iii) a expressão de surpresa pode ser intensificada e adquirir um valor de rejeição/negação.

Uma trajetória semelhante é descrita por Vincent (2005) para a subjetificação de *par exemple* ‘por exemplo’ em francês, que perde o sentido de exemplificação, ilustração, para se tornar um marcador

pragmático que transmite surpresa, como no exemplo (32). A autora especifica que, a partir desse estágio, *par exemple* assume diferentes características de interjeições, podendo marcar uma rejeição categórica da opinião de outrem:

(32) Il m'a trompé, par exemple!

Literalmente: "Ele me tem enganado, por exemplo!"

'Ele me enganou!'

Assumimos que tanto a expressão de surpresa quanto a expressão de negação se encaixam na definição de miratividade como marcação linguística de um enunciado que transmite informação nova ou inesperada para o falante, com nuances de surpresa.

De modo geral, miratividade é compreendida como parte da categoria evidencialidade, que se refere à marcação gramatical da fonte da informação. DeLancey (2001) afirma, contudo, que várias línguas, como tibetano e hare, fornecem evidências de que miratividade deve ser reconhecida como um fenômeno distinto da evidencialidade. Isso não significa, no entanto, que não possa haver uma sobreposição na expressão desses fenômenos. Além da sobreposição dos fenômenos miratividade e evidencialidade, DeLancey também aponta para a ligação entre evidencialidade e modalidade, afirmando que, em um nível mais abstrato, evidencialidade, miratividade e modalidade podem ser pensadas como conceitualmente relacionadas. A esse respeito, ele cita, por exemplo, "[...] a leitura claramente evidencial de certos usos de *must* em inglês, como no caso em que dizemos de alguém que não apareceu quando era esperado: (1) *He must have gotten lost*" (DELANCEY, 2001, p. 370 – tradução nossa).<sup>15</sup> Segundo o autor, não deveria ser uma surpresa a constatação de interação e sobreposição entre essas categorias, porque cada categoria

representa a indexação gramatical das maneiras como a proposição pode se desviar de um ideal de conhecimento. [...] O estatuto não marcado do conhecimento é a proposição conhecida pelo falante por meio de experiência direta, assumida como certamente verdadeira e completamente consistente

<sup>15</sup> No original: "[...] the clearly evidential readings of certain uses of English *must*, as when we say of someone who has failed to show up when expected: (1) *He must have gotten lost*".

com o conhecimento de mundo do falante. Evidencialidade, miratividade e modalidade representam dispositivos para marcar uma proposição como não cumpridora de um desses critérios. Dessa perspectiva, não é nada surpreendente encontrar interação e sobreposição entre essas categorias na forma como são expressas nas línguas. Particularmente, não surpreende que formas de um tipo de sistema desenvolvam funções de outro tipo, como quando sentidos evidenciais se desenvolvem em construções mirativas (vejam meus comentários sobre modais no início deste artigo)<sup>16</sup> (DELANCEY, 2001, p. 379-380 – tradução nossa)<sup>17</sup>

Dessa forma, considerando, como afirma DeLancey, que evidencialidade, miratividade e modalidade interagem e se sobrepõem, e que formas de um tipo de sistema podem desenvolver funções de outro sistema, não é tão surpreendente que a forma *capaz* possa ter desenvolvido uma função mirativa a partir do domínio da modalidade epistêmica.

## 5. Considerações finais

Este artigo discutiu duas construções do português brasileiro envolvendo a expressão *capaz*. Nessas construções, *capaz* pode ser analisado como um modal epistêmico, com o sentido de possibilidade/probabilidade (*capaz* epistêmico) ou pode funcionar como um marcador pragmático com uma função mirativa, ou seja, veiculando surpresa/dúvida/ponto de vista contrário do falante (*capaz* mirativo). Propusemos que essas construções possuem estruturas sintáticas distintas. As sentenças com *capaz* epistêmico formam estruturas bioracionais nas quais *capaz* é um elemento modal inserido diretamente em um núcleo

---

<sup>16</sup> O comentário a que se refere o autor está citado no final parágrafo precedente.

<sup>17</sup> No original: “[...] represents the grammatical indexation of ways in which a proposition can deviate from an ideal of knowledge. [...] The unmarked knowledge status is a proposition which is known by the speaker by direct experience, is assumed to be certainly true, and is fully consistent with the rest of the speaker’s knowledge of the world. Evidentiality, mirativity, and modality represent devices for marking a proposition as failing to meet one of these criteria. From this perspective, it is hardly surprising to find interaction and overlap among these categories as they are expressed in languages. In particular, we need not be surprised that forms from one kind of system develop functions of another, as when evidential senses developed into fundamentally mirative constructions, (and see my comment on modals at the beginning of this paper)”.

Mod que seleciona um CP como complemento. Já as sentenças com *capaz* mirativo formam estruturas mono-oracionais nas quais *capaz* é um marcador pragmático inserido diretamente na categoria *Speech Act*, localizada acima da periferia esquerda da sentença, na interface da sintaxe com a pragmática, onde papéis pragmáticos (falante e ouvinte) são codificados. Propusemos igualmente que *capaz* mirativo é uma expressão que sofreu um processo de pragmaticalização. Presumivelmente, a origem desse processo é a expressão *capaz* em seu uso epistêmico. Sugerimos a hipótese de que o sentido de surpresa/dúvida/ negação de *capaz* mirativo desenvolveu-se a partir do sentido de possibilidade de *capaz* epistêmico.

Essas análises são compatíveis com a generalização de Roberts e Roussou (2003) de que uma vez que um elemento adentra o sistema funcional, ele tende a ser reanalisado sucessivamente em posições mais altas na estrutura, criando percursos de gramaticalização. Acreditamos que os dados examinados neste trabalho constituem evidência empírica para a proposta da categoria *Speech Act*, e, nesse sentido, podem contribuir para a discussão sobre a “sintaticização do discurso” (cf. HAEGEMAN; HILL, 2013) e para uma melhor compreensão acerca da computação sintática dos atos de fala.

### **Contribuição dos autores**

Este artigo resulta de um projeto conjunto dos dois autores, o qual se volta a catalogar, descrever e analisar um conjunto variado de fenômenos do português brasileiro cujo entendimento demanda uma articulação entre a sintaxe e a pragmática conversacional. Como se trata de projeto comum, ambos os autores participaram de todas as etapas de realização da investigação, quais sejam: a) levantamento e discussão das fontes bibliográficas, b) coleta dos dados, c) sistematização e descrição das propriedades das construções com *capaz* aqui examinadas e d) proposta e discussão de possibilidades de análise para os dados. Todas essas etapas culminaram com o presente artigo cuja redação ficou a cargo dos dois autores.

### **Referências**

AIKHENVALD, A. Y. The essence of mirativity. *Linguistic Typology*, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 435-485, 2012.

BAKER, M. On the nature of the antiagreement effect: evidence from *wh*-in-situ in Ibibio. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 39, n. 4, p. 615-632, 2008.

BASSI, A.; GÖRSKI, E. M. A multifuncionalidade do item *capaz* na fala gaúcha: uma abordagem baseada no uso. *Alfa*, Araraquara, v. 58, n. 3, p. 593-622, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-4>

CASTROVIEJO, E.; OLTRA-MASSUET, I. On capacities and their epistemic extensions. In: TORTORA, C.; DEN DIKKEN, M.; MONTOYA, I.; O'NEILL, T. (Ed.). *Romance Linguistics 2013. Selected Papers from the 43<sup>rd</sup> Symposium on Romance Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2016a. p.59-78. DOI: <https://doi.org/10.1075/rllt.9.04cas>

CASTROVIEJO, E.; OLTRA-MASSUET, I. What does *be capable* tell us about capacities? An answer from Romance. In: MARTIN, F., PITTEROFF, M.; PROSS, T. (Ed.). *Morphological, Syntactic, and Semantic Aspects of Dispositions*. Stuttgart: University of Stuttgart, 2016b. p. 30-51.

CASTROVIEJO, E.; OLTRA-MASSUET, I. Generic and action-dependent abilities in Spanish 'Be capable'. *Glossa*, Leiden, v. 3, n. 1, p. 131-132, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.495>

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G.; RIZZI, L. The cartography of syntactic structures. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. p. 51-65.

CORR, A. V. Ibero-Romance and the Syntax of the Utterance. 2016. 294 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Theoretical and Applied Linguistics, University of Cambridge, 2016.

CRUSCHINA, S. The expression of evidentiality and epistemicity: Cases of grammaticalization in Italian and Sicilian. *Probus*, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 1-31, 2015.

DELANCEY, S. The mirative and evidentiality. *Journal of Pragmatics*, v. 33, n. 3, p. 371-384, 2001. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(01\)80001-1](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(01)80001-1)

DOSTIE, G. *Pragmaticalisation et Marqueurs Discursifs: Analyse sémantique et traitement lexicographique*. Bruxelas: De Boeck/Duculot, 2004.

FRASER, B. Pragmatic markers. *Pragmatics*, [S.l.], v. 6, n. 2, 167-190, 1996.

GIORGI, A. *About the Speaker: Towards a syntax of indexicality*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GRÁNDEZ ÁVILA, M. *A Functional Approach to the Subjectification of Facultative Meaning: The case of capaz in American Spanish*. 2010. 37f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Amsterdam, 2010.

HAEGEMAN, L.; HILL, V. The syntacticization of discourse. In: FOLLI, R.; TRUSWELL, R.; SEVDALI, C. (Ed.). *Syntax and its Limits*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 370-390. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199683239.003.0018>

HILL, V. Vocatives and the pragmatics-syntax interface. *Lingua*, [S.l.], v. 117, n. 2, p. 2077-2105, 2007.

HILL, V. *Vocatives: How syntax meets with pragmatics*. Leiden: Brill Publishers, 2014.

HOLMBERG, A. *The Syntax of yes and no*. Oxford: Oxford University Press, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198701859.001.0001>

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165525>

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. 3. ed. Berlin: Language Science Press, 2015.

MIYAGAWA, S. Agreements that occur mainly in the main clause. In: AELBRECHT, L.; HAEGEMAN, L.; NYE, R. (Ed.). *Main Clause Phenomena: New Horizons*. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 79-112. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.190.04miy>

MIYAGAWA, S. *Agreement Beyond Phi*. Cambridge, MA: MIT Press, 2017.

NARROG, H. *Modality, Subjectivity and Semantic Change*. New York: Oxford University Press, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199694372.001.0001>

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8\\_7](https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8_7)

RIZZI, L. Notes on Cartography and further explanation. *Probus*, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 197-226, 2013.

RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause: primarily illustrated for Italian. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. (Ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Syntax*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2017. p. 2171-2200. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118358733.wbsyncom104>

RIZZI, L.; CINQUE, G. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics*, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 139-163, 2016.

ROBERTS, I. Grammaticalization, the clausal hierarchy and semantic bleaching. In: TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (Ed.). *Gradience, Gradualness and Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 45-73. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.90.05rob>

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic Change: A minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486326>

ROSS, J. R. On declarative sentences. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Ed.). *Readings in English Transformational Grammar*. Washington: Georgetown University Press, 1970. p. 222-272.

SIGURÐSSON, H. Á. Context-linked grammar. *Language Sciences*, [S.l.], v. 46, p. 175-188, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2014.06.010>

SPEAS, M. Evidentiality, logophoricity and the syntactic representation of pragmatic roles. *Lingua*, [S.l.], v. 114, n. 3, p. 255-276, 2004.

SPEAS, M.; TENNY, C. Configurational properties of point of view roles. In: Di SCIULLO, A.M. (Ed.). *Asymmetry in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 315-344. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.57.15spe>

TRAUGOTT, E. C. On regularity in semantic change. *Journal of Literary Semantics*, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 155-173, 1985.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, [S.l.], v. 65, n. 1, p. 31-55, 1989.

VINCENT, D. The journey of non-standard discourse markers in Quebec French: Networks based on exemplification. *Journal of Historical Pragmatics*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 188-210, 2005.

WILTSCHKO, M. Response particles beyond answering. In: BAILEY, L.; SHEEHAN, M. (Ed.). *Order and Structure in Syntax I: Word order and syntactic structure*. Berlin: Language Science Press, 2018. p. 241-279.

WILTSCHKO, M.; HEIM, J. The syntax of sentence peripheral discourse markers. A neo-performative analysis. In: KALTENBÖCK, G; KEIZER, E.; LOHMANN, A. (Ed.). *Outside the Clause: Form and function of extra-clausal constituents*. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 305-340. DOI: <https://doi.org/10.1075/slcs.178.11wil>

ZU, Vera. Probing for conversation participants: the case of Jingpo. In: APARICIO TERRASA, H.; FRANICH, K.; FLINN, G.; PIETRASZKO, A.; VARDOMSKAYA, T. (Ed.). *Proceedings of the 49<sup>th</sup> annual regional meeting of Chicago Linguistic Society*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 2015. p. 379-389.

ZU, V. *Discourse Participants and the Structural Representation of the Context*. 2018. 279 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, New York University, 2018.